

RUBEM BRAGA

EM MINAS

EU não conhecia essa estrada Juscelino Kùbitschek, que vai do Rio a Belo Horizonte, mas outro dia tive de usá-la para ir a Ouro Prêto. Fiquei espantado por não ter lido até hoje nenhum protesto contra êsse atraso de vida que é fazer a estrada passar pelas ruas de tantas cidades; isso não é papel de estrada federal.

Por que não passar ao lado de Juiz de Fora e Lafaiete como, por exemplo, se passa ao lado de Barbacena? Isso sem falar do trecho no Estado do Rio, creio que ainda da União e Indústria, que atravessa, por exemplo, a feia Três Rios, onde sempre há imensas filas de vagarosos vagões manobrando para cá e para lá no nariz do infeliz motorista.

Em Ouro Prêto o que está acontecendo é que os pesados caminhões que atravessam a cidade estão ameaçando fazer ruir os casarões coloniais. Parece que já existe verba para fazer uma estrada boa por fora, mas de que adiania verba? O presidente é mineiro, o ministro da Fazenda é mineiro, mas na hora de aplicar verba eles só se lembram de Brasília, que se faz num dia; na hora de cortar se lembram de algo como Ouro Prêto, a Velhacap de Minas, com dois séculos e meio de beleza.

Que beleza? Desta vez peguei lá três dias de chuva miúda, não fêz mal; no tempo dos Inconfidentes também chovia, a chuva descia assim mesmo sôbre os curvos telhados; havia essas mesmas andorinhas; ah, da varanda do Hotel de Oscar Niemeyer eu suspirei por ti, Marília bela.

Esse hotel (simples, harmonioso entre os casarões) faz todo turista praguejar contra a arte moderna, não há um só que não se queixe daquela escada que liga (ou separa) sala e quarto no apartamento, e além disso compromete quase metade da sala, de resto quase inútil; cansado de ladeiras, todo visitante reclama contra essa escada.

Eu quis tomar um apartamentinho de solteiro, fiquei agoniado só de ver aquela estreiteza angustiosa, pedi algo maior, não havia dos médios, estavam ocupados, só havia dos grandes, de luxo, assumi ares do Conde de Bobadela, que me dessem um! — era o tal da escada, que além disso não tem proteção para a luz da manhã batendo nos fundos, onde se dorme.

Há uma cama entre o quarto e a sala, em cima da escada, numa espécie de girau — uma cama de enteado. Foi ali, a seu lado, que descobri o que procurava longamente, a campainha para chamar empregado. Há detalhes assim, alguém caprichou em pintar de vermelho as torneiras de água fria e de azul as quentes; o banheiro não tem luz no teto, só uma luzinha de *svengali* em baixo do espelho.

Tudo isso no fundo tem pouca importância, o bom do hotel é estar nêle, num salão, a parte social é grande, simples e boa, o bar da varanda é uma doçura sôbre a paisagem de telhadões negros entre tuílos de verdes, pinheiros, bananeiras, igrejas, ladeiras. De qualquer jeito, vale a pena, leitor, ir a Ouro Prêto; e também vale a pena, doutor Juscelino, salvar Ouro Prêto. Salve Ouro Prêto!